

05 JUL 1989

Língua Solta *Eleição Presidencial*

JORNAL DO BRASIL

O candidato do PT à presidência da República, Luís Inácio Lula da Silva, acaba de referir-se em termos nada convencionais ao atual presidente, descrevendo-o como "aquele moleção que é o dono da bola, e que quando o adversário marca um gol, pega a bola e leva prá casa, morrendo de raiva, para acabar com o jogo". O extrovertido comentário diz respeito à mensagem recentemente enviada pelo presidente ao Congresso propondo a redução dos salários de deputados e senadores.

Uma certa rusticidade sempre fez parte do charme exibido pelo candidato petista, e que até há algum tempo vinha funcionando bastante bem. De repente, o charme já não parece o mesmo. Mudou o eleitorado, ou mudou o candidato?

Campanhas eleitorais, quando começam a esquentar, resultam às vezes em troca de epítetos pouco lisonjeiros. O exemplo mais notório é o dos Estados Unidos, onde a última campanha Dukakis *versus* Bush foi considerada chocante em matéria de ataques pessoais.

Cada país, entretanto, é um país; e cada eleição é uma eleição. Nos EUA, a democracia está firmissima; a tal ponto que as plataformas dos dois grandes partidos distinguem-se eventualmente por detalhes sutis. Na falta de vigorosas divergências ideológicas, pode acontecer que os candidatos busquem em características pessoais do adversário

pretextos para incendiar uma retórica de campanha.

No Brasil, estamos em verdadeiro jejum de eleições — o que confere ao pleito de novembro um caráter todo especial, quase didático. No conturbado cenário nacional, o PT era um partido que apresentava-se com pretensões ideológicas, chegando, em certos casos, a tomar a forma de um estilo de vida. Atribuía-se o crescimento do PT, justamente, ao fato de que o partido tinha uma personalidade, tinha uma "proposta alternativa" para a mediocridade reinante.

Eis que, de um momento para o outro, o partido só tem a exibir a mediocridade do seu candidato — e muitas divisões internas. Chamar o presidente da República de *moleção* não recomenda ninguém ao exercício da suprema magistratura. Há, entre nós, um *parti pris* demagógico segundo o qual o povo só entende uma linguagem crua.

Não passa de um preconceito — curiosamente, vindo das esquerdas. O povo pode não falar português castiço; mas respeita quem respeita a língua. Este foi, aliás, durante muitos anos, o trunfo com que o ex-presidente Jânio Quadros encobriu alguns de seus defeitos graves. É um trunfo com que, já está se vendo, não conta o candidato do PT. Muito pelo contrário.